

DELEUZE: LITERATURA, VIDA E SAÚDE

DELEUZE: LITERATURE, LIFE AND HEALTH

Prof. Dr. Clever Luiz Fernandes
Universidade Federal do Maranhão
cleverfernandes@yahoo.com

Resumo: *Deleuze: literatura, vida e saúde* é um ensaio que busca pensar a articulação entre a filosofia deleuziana e a literatura. A pretensão é mostrar que esta aproximação acontece na perspectiva filosófica e perpassa boa parte das obras do pensador. Além disso, a hipótese desenvolvida é que, este movimento de aproximação, entre a filosofia deleuziana e a literatura, entra em ressonância direta com o objetivo central de sua filosofia que é o exercício do pensamento. A proposta de Deleuze é pensar com a literatura, diferente de pensar sobre a literatura, seu objetivo principal é elucidar o que seja pensar a partir da literatura e, ao mesmo tempo, mostrar uma nova imagem do pensamento. Neste sentido, na trilha do autor, é preciso considerar a filosofia, a arte e a ciência como modos diferentes de pensamento, que entram em relações de ressonância mútua e em relações de troca. Para isso, apresento a definição de filosofia de Deleuze, e sua compreensão de literatura como um esforço especial de criação, pois a arte de escrever é a arte de inventar, criar e produzir possibilidade de vida. A arte de escrever é uma tentativa de libertar a vida daquilo que a aprisiona, é a possibilidade de construir saídas das prisões existenciais, é também um liberar novas potências de agir, pois, para Deleuze, a criação artística e literária é o ato de tornar visível o invisível, tornar pensável o impensável. Para ele a criação literária não é um comunicar, mas é principalmente resistir, e quando ela produz linhas de fuga das situações de opressão ou nos imuniza de qualquer tipo de pensamento fascista, ela é uma saúde.

Palavras-chave: Literatura; Filosofia; Devir; Linhas de fuga; Saúde.

Abstract: This work *Deleuze: literature, life and health* is a philosophical essay that seeks to think the link between Deleuzian philosophy and literature. The intention is to show that this approach happens in philosophical perspective and runs through much of the works of the thinker. In addition, the hypothesis developed in this paper is that this approach movement between Deleuzian philosophy and literature, comes into direct resonance with the central goal of his philosophy is that the exercise of thought. The proposed Deleuze is thinking literature, different from thinking about literature, its main objective is to elucidate what is thought from the literature and at the same time show a new image of thought. In this sense, the author of the trail, we need to consider the philosophy, art and science as different ways of thinking, coming into mutual resonance relations and exchange relations. For this, I present the definition of Deleuze's philosophy, and his understanding of literature as a special effort to create, for the art of writing is the art of inventing, creating and producing possibility of life. The art of writing is an attempt to free the life of that which imprisons, is the possibility of building outputs of existential prisons, is also releasing new powers to act, therefore, for Deleuze, artistic and literary creation is the act of making the invisible visible, making the unthinkable thinkable. For him literary creation is not a report, but it is mostly resist, and when it produces lines of escape from oppressive situations or in immunizes any kind of fascist thinking, it is a health.

Keywords: Literature; Philosophy; Becoming; drainlines; Health.

Pensar a articulação entre filosofia e literatura não é novidade pois, ao longo da história do pensamento humano, podemos constatar várias abordagens, basta fazermos uma simples verificação na produção daquilo que se denomina de filosofia da arte para encontrarmos abordagens que advogam a interdependência, que negam esta interdependência e, algumas ainda, que defendem a autonomia da arte. Porém, neste ensaio não pretendo fazer um tipo de filosofia da arte deleuziana, quero apenas compreender a relação entre filosofia e literatura na perspectiva de Gilles Deleuze, e assim explicitar a sua concepção da literatura como ato de resistência, vida e saúde. De acordo com Gastón Beraldi, essa ideia de literatura como saúde nasceu em oposição a uma concepção da literatura como veneno para a alma (2013, p.165), porém, é possível sentir nessa perspectiva deleuziana ressonâncias diretas com a visão nietzschiana, que considera o artista e o filósofo como médicos da civilização.

François Dosse, na brilhante biografia de Gilles Deleuze, escreveu que:

A propósito da relação que Deleuze mantém com a arte, Anne Sauvagnargues distingue três momentos sucessivos, correspondendo a um tempo de privilégio atribuído à expressão literária, depois, graças ao encontro com Guattari, a uma virada pragmática aberta à dimensão política da criação artística e, depois de Mil Platôs, à elaboração de uma semiótica geral da criação artística, passando pela imagem e pelo estudo do cinema (DOSSE, 2010, 376-7).

Nessas fases ou momentos da produção deleuziana temos um maior ou menor predomínio sobre esta ou aquela forma artística, mas o certo é que ao longo de sua vida dedicou-se muito a literatura. Num breve inventário da relação entre Filosofia e Literatura em sua produção é possível fazer a seguinte lista: *Proust e os signos* (1964), um estudo sobre o pensar a partir do romance *A La recherche du temps perdu*; *Sacher-Masoch: o frio e o cruel* (1967), analisa e avalia o valor clínico e literário da produção de Sacher-Masoch; no apêndice do livro *Lógica do Sentido* (1969), temos o ensaio sobre três escritores: Klossowski, Michel Tournier e Zola, nesta mesma obra, ainda temos no Prólogo uma análise sobre Lewis Carroll; *Kafka, por uma literatura menor* (1975), em co-autoria com Félix Guattari, uma investigação sobre a produção literária de Kafka; em “*Um manifesto de menos*”(1978), produziu um ensaio a partir das peças do dramaturgo Carmelo Bene; *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2* (1980), também em co-autoria com Guattari, dedicou o Platô 1874 – Três novelas ou ‘o que se passou?’, estudou as novelas de Henry James, Scott Fitzgerald e Pierrette Fleutiaux, no Platô 1730 –

Devir-Intenso, Devir-Animal, Devir-Imperceptível, destacam-se a presença de vários autores entre eles: Antonin Artaud, Heinerich Von Kleist, Maurice Blanchot, Virginia Woolf, Henry Miller, Henri Michaux, Franz Kafka, Willian Faulkner; *O esgotado* (1992), analisou três peças para televisão de Samuel Beckett; e, por último, a coletânea de textos organizada por ele mesmo, *Crítica e Clínica* (1993), temos vários estudos sobre escritores tais como Lewis Carroll, D H Lawrence, Masoch e também o seu ensaio “*A literatura e a vida*”, escrito exclusivamente para compor esta coletânea.

Além destas obras específicas, a literatura é presença em quase todos os livros de Deleuze, como salienta Gastón Beraldi, a literatura se apresenta para ele como problema filosófico (2013). Assim, a relação entre Gilles Deleuze e a literatura acontece sempre numa perspectiva filosófica, mas não no território da abstração condenada por ele. Ele não faz, em nenhuma de suas obras, reflexões sobre as obras literárias, e nem produz uma refinada crítica literária, como podem pensar alguns desavisados ao lerem os títulos de algumas de suas obras listadas anteriormente. A literatura está presente nos trabalhos de Deleuze, quase que de uma maneira paralela à filosofia.

Assim, neste movimento de aproximação entre a filosofia e a literatura, Deleuze faz aquilo que é o objetivo central de sua filosofia, qual seja, o exercício do pensamento. Essa é a tese de todos os trabalhos de Roberto Machado sobre Deleuze, para ele a prova de que a filosofia de Deleuze “*está centrada na questão do exercício do pensamento é que todos os seus estudos nunca se detêm numa questão de detalhe, mas investigam, ao contrário, a própria démarche desses pensadores, o próprio modo de funcionamento de seus pensamentos*” (MACHADO, 1990, p.6). No mesmo sentido, Jorge Vasconcellos afirma que “*um dos problemas mais importantes da filosofia deleuziana é aquele que responde pelo que é pensar, ou ainda, quais seriam os meios pelos quais podemos pensar*” (VASCONCELLOS, 2006, p.160). A inquietação deleuziana está em responder algumas questões: O que é pensar? O que nos faz pensar? O pensamento é algo natural? Podemos antecipar que para ele pensar não é uma coisa natural ou de método, o ato de pensar é fruto de uma violência, por isso, questiona: “*que violência se deve exercer sobre o pensamento para que nos tornemos capazes de pensar, violência de um movimento infinito que nos priva ao mesmo tempo do poder de dizer Eu?*” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.68). Em várias obras, ele sinaliza as múltiplas formas de violência operadas sobre o pensamento, atribuindo um papel importante da literatura e do

cinema como dispositivo para pôr em funcionamento o pensar. Ele capta nelas as forças que forçam o pensar (ULPIANO, 2013, p.149). A literatura e o cinema nos fazem “*pensar o impensado, fazê-lo encontrar-se com as forças que lhe são exteriores, com um de-fora do próprio pensamento*” (VASCONCELLOS, 2006, p.165). Somos afetados, recebemos um tipo de choque para sairmos da inércia do pensamento, isto é, do estado natural de estupor. Assim, para Deleuze, a literatura e o cinema nos fazem pensar e, ao mesmo tempo, pensam.

A explicitação da ideia de que o pensamento não é coisa espontânea, isto é, algo natural, podemos ler no seu livro *Proust e os signos*. Nele encontramos duas coisas simultâneas: a crítica deleuziana à visão tradicional, que acredita em uma inclinação natural do homem à verdade; e uma ressonância nietzschiana, para quem filosofia deve produzir inquietações. Deleuze escreveu:

Proust não acredita que o homem, nem mesmo um espírito supostamente puro, tenha naturalmente um desejo do verdadeiro, uma vontade de verdade. Nós só procuramos a verdade quando estamos determinados a fazê-lo em função de uma situação concreta, quando sofremos uma espécie de violência que nos leva a essa busca. Quem procura a verdade? O ciumento sob a pressão das mentiras do amado. Há sempre a violência de um signo que nos força a procurar, que nos rouba a paz. A verdade não é descoberta por afinidade, nem com boa vontade, ela se trai por signos involuntários. O erro da filosofia é pressupor em nós uma boa vontade de pensar, um desejo, um amor natural pela verdade. A filosofia atinge apenas verdades abstratas que não comprometem, nem perturbam (DELEUZE, 2010, p. 14-5).

Então, a partir dessa citação, podemos afirmar que o pensar é fruto de uma violência. Uma força gera movimento e nos retira da inércia, nos rouba a paz da quietude. O pensar não trabalha no abstrato, só pensamos quando sofremos uma ação externa que é sempre algo concreto. O pensamento só existe sob a pressão. E o exemplo do ciumento é perfeito. O ciumento é alguém que pensa demais, pois afetado pela força do ciúme não consegue não pensar. Ele precisa descobrir a verdade sobre a amada, a pressão da mentira o inquieta, ela sempre o perturba. O pensamento rouba sua paz. Para Deleuze isso também acontece na produção do pensamento filosófico. Ele ensina que é um erro acreditar que a filosofia busca a paz e a verdade. Em sintonia com Nietzsche, Deleuze lembra que a filosofia serve exatamente para afligir, pois “*a filosofia que não aflige ninguém e não contraria ninguém não é uma filosofia*” (DELEUZE, 2001, p. 159). Ela tem que fazer do pensamento qualquer coisa de agressivo, de ativo e de afirmativo. Filosofia é pensamento perturbador.

Filosofia e literatura são formas de pensamento que se cruzam e se entrelaçam, por isso *“Deleuze se interessa pela literatura porque propõe novas maneiras de pensar, e também em função do como a experimentação literária incide sobre as regras que formalizam a linguagem e o pensamento”* (PACHECO, 2013, p.130).

Nesse sentido, a proposta deleuziana é pensar com a literatura, diferente de pensar sobre a literatura, seu objetivo principal é elucidar o que seja pensar a partir da literatura e, ao mesmo tempo, mostrar uma nova imagem do pensamento (DELEUZE, 2013, p.158). Para o filósofo francês, o pensamento não é exclusividade da filosofia, ele faz parte de todo tipo de saber. De acordo com ele, existem três formas de pensar: a ciência, a arte e a filosofia. Em entrevista ao *L'autre Journal* Deleuze explicita que o que lhe *“interessa são as relações entre as artes, as ciências e a filosofia. Não há nenhum privilégio de uma destas disciplinas em relação a outra. Cada uma delas é criadora”* (DELEUZE, 2013, p.158). Ele argumenta ainda que a filosofia cria e trabalha com conceitos, *“que não se confundem com ideias gerais ou abstratas”*; a ciência com prospectos ou funções, *“proposições que não se confundem com juízos”*; e a arte com perceptos e afetos *“que também não se confundem com percepções ou sentimentos”* (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.32-3).

Assim, para Deleuze,

A filosofia, a arte e a ciência entram em relações de ressonância mútua e em relações de troca, mas a cada vez por razões intrínsecas. É em função de sua evolução própria que elas percutem uma na outra. Neste sentido, é preciso considerar a filosofia, a arte e a ciência como espécies de linhas melódicas estrangeiras umas às outras e que não cessam de interferir entre si. A filosofia não tem aí nenhuma pseudoprimado de reflexão, e por conseguinte nenhuma inferioridade de criação. Criar conceitos não é menos difícil que criar novas combinações visuais, sonoras, ou criar funções científicas (DELEUZE, 2013, p.160).

Os conceitos produzidos pela filosofia comportam duas dimensões: as do perceptos e do afecto. Para Deleuze, os conceitos não são imagens. Ele ressalta ainda que *“os perceptos não são percepções, são pacotes de sensações e de relações que sobrevivem aqueles que os vivenciam. Os afectos não são sentimentos, são devires que transbordam aquele que passa por eles (tornando-se outro)”* (DELEUZE, 2013, p.175). O pensador, além de fazer este destaque, também estabelece um vínculo forte entre afecto, percepto e conceito. Para ele, eles *“são três*

potências inseparáveis, potências que vão da arte à filosofia e vice-versa” (DELEUZE, 2013, p.175).

Assim, a arte como modo do pensamento não é imitação, não é *mimesis*, não é identificação com as essências. “*Supressão do platonismo e abertura para os simulacros. O devir dá a um ponto final à representação*” (ULPIANO, 2013, p.152). A arte é criação, que escapa da mera representação (ULPIANO, 2013, p.149). Ela, na perspectiva deleuziana, não é uma simples reprodução do real, é o próprio real. Como escreveu François Dosse (2010, p.377), citando Deleuze: “*uma imagem não representa uma realidade suposta, ela própria é toda sua realidade*”. A arte literária em particular produz um tipo de dobra sobre a realidade acabada, ela inventa outras realidades com tamanha força e potência que nos impulsiona o pensamento.

Até o momento apresentei uma possível aproximação existente entre filosofia e a arte, em particular, a arte literária na perspectiva deleuziana. A partir de agora, a atenção será deslocada para outra questão, qual seja, a articulação entre a escrita literária, a vida e a saúde na visão de Gilles Deleuze.

A literatura implica para todo mundo uma busca e um esforço especial de criação, pois a arte de escrever é a arte de inventar, criar e produzir possibilidades de vida, e, por isso, é algo sempre aberto, em processo, como a própria vida. De acordo com Deleuze,

escrever não é certamente impor uma forma (de expressão) a uma matéria vivida. A literatura está antes do lado do informe, ou do inacabamento [...]. Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do devir (DELEUZE, 2011, p. 11).

Além disso, ele afirma que, “*escreve-se sempre para dar a vida, para libertar a vida aí onde ela está aprisionada, para traçar linhas de fuga*” (DELEUZE, 2013, p. 180). Assim, a arte de escrever é uma tentativa de libertar a vida daquilo que a aprisiona, é a possibilidade de construir saídas das prisões existenciais, é também um liberar novas potências de agir, pois, para Deleuze, a criação artística e literária é “*o ato de tornar visível o invisível, tornar audível o inaudível, tornar dizível o indizível – ou, para formular essa ideia em toda a sua abrangência, tornar pensável o impensável*” (MACHADO, 2011, p.221). Assim sendo, a literatura como arte estimula, afirma e possibilita novas vidas, por isso, em nota Deleuze informa que, quando Nietzsche falava da arte como ‘estimulante da vida’, ele queria estabelecer a seguinte relação:

“a arte afirma a vida, a vida afirma-se na arte” (DELEUZE, 2001, p.53). Mas, a arte só afirma e estimula a vida de quem realiza bons encontros com ela, na perspectiva espinosista.

Já que para Deleuze a escrita é inseparável do devir, a questão que se impõe é a seguinte: o que é um devir? Ele, em coautoria com Félix Guattari, no livro *Mil Platôs*, apresenta duas respostas para esta pergunta nos seguintes textos: “*Um só ou vários lobos*” e, sem dúvida o mais significativo, “*Devir-intenso, devir-animal, devir-imperceptível*”. Cotejando estes textos, o professor Roberto Machado, em seu livro sobre Deleuze, escreveu:

O tema que mais interessa a Deleuze ao pensar a literatura em sua relação com o de-fora da linguagem é o devir. Ao considerar o que ele entende por devir, linha de fuga ou desterritorialização – termos que podem ser tomados como sinônimos –, nota-se que o devir é pensado em contraposição à imitação, à reprodução, à identificação ou à semelhança. Devir também não é metafórico, não se dá na imaginação, nem diz respeito a um sonho, a uma fantasia. O devir é real. Não no sentido de que, ao devir alguma coisa, alguém se torne realmente outra coisa, como um animal. É o próprio devir que é real, e não o termo ao qual passaria aquele que se torna outra coisa. O devir é animal sem que haja um termo que seria o animal que alguém se teria tornado. O devir animal do homem é real sem que seja real o animal que ele se torna (MACHADO, 2011, p.213).

É possível exemplificar esta transmutação do devir a partir do próprio texto de Deleuze e Guattari, logo no início do “*Devir-intenso, devir-animal, devir-imperceptível*”, os autores mostram o devir-rato vivido por Willard, personagem do Filme homônimo, produzido em 1971, pelo cineasta Daniel Mann. Mas também é possível ver tal situação no extraordinário filme de Ang Lee (2013), *As aventuras de Pi*, nele o personagem vive um devir-tigre. Podemos lembrar o devir-inseto na *Metamorfose* de Franz Kafka, entre outros possíveis de “*devires-animais*”.

No conjunto do pensamento deleuziano é possível compreender devir como sinônimo dos seguintes termos: linha de fuga e desterritorialização. São pensados em contraposição à imitação, à reprodução, à identificação ou à semelhança. Eles não desejam uma forma; mas, sim, são escapes de uma forma dominante. Entretanto, quase sempre quando ouvimos falar em fuga rapidamente associamos essa atitude a uma pessoa covarde, medrosa e, até mesmo, a um canalha, pois o fugitivo é aquela pessoa que se esquia, se retira ou sai às pressas de determinadas situações ou responsabilidades. No senso comum, fuga e coragem não se esposam, não se ligam e não existe nada de positivo em tal postura. Mas será mesmo que toda

fuga é uma negação? Ou existe fuga afirmativa, isto é, fuga como um ato de coragem? No *Anti-Édipo*, Deleuze e Guattari apresentam uma conotação positiva da fuga, então, eles escreveram:

Aos que dizem que fugir não é corajoso, responde-se: [...] Só se pode escolher entre dois polos: a contrafuga paranoica que anima todos os investimentos conformistas, reacionários e fascizantes e a fuga esquizofrênica convertível em investimento revolucionário. Desta fuga revolucionária, desta fuga que deve ser pensada e assumida como o mais positivo, Blanchot diz admiravelmente o seguinte: ‘Que é esta fuga? A palavra é mal escolhida para agradar. Entretanto, a coragem está em aceitar fugir em vez de viver quieta e hipocritamente em falsos refúgios. Os valores, as morais, as pátrias, as religiões e essas certezas privadas que nossa vaidade e a nossa complacência para conosco generosamente nos outorgam, são outras tantas moradas enganadoras que o mundo arranja para aqueles que pensam manter-se firmes e em repouso entre as coisas estáveis. Eles nada sabem dessa imensa ruína para a qual vão indo, ignorantes de si mesmos, no monótono burburinho dos seus passos cada vez mais rápidos que os levam impessoalmente num grande movimento imóvel. Fuga perante a fuga. [Seja um desses homens] que, tendo tido a revelação da deriva misteriosa, já não suportam viver nessas falsas moradas. De início, ele tenta apoderar-se do movimento por sua própria conta. Pessoalmente, ele queria se afastar. Ele vive à margem... [mas] talvez a queda seja isso, que ela já não possa ser um destino pessoal, mas a sorte de cada um em todos (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 453).

Nesta visão, a fuga esposa-se da coragem, ela é ato de coragem, ato revolucionário. A coragem de transformar, assumir e afirmar a própria existência. Assim, a criação de linhas de fuga não consiste em fugir da vida pela arte, mas, ao contrário, a linha de fuga é a própria afirmação da vida pela arte. É a fuga do pensamento dominante, é a arte da resistência, é a negação do pensamento fascista, pois, como disse Deleuze, “*criar não é comunicar mas resistir. [...] Não há obra que não indique uma saída para a vida, que não trace um caminho entre as pedras*” (DELEUZE, 2013, p.183). Desta forma, quando a arte produz linhas de fuga das situações de opressão, ou nos imuniza de qualquer tipo de pensamento fascista, podemos dizer como Deleuze, que ela é uma saúde, isto é, “*a literatura é uma saúde*” (DELEUZE, 2011, p.9), o cinema também é saúde. Para Beraldi, o que permite Deleuze referir-se a literatura como saúde e o escritor como médico de si e do mundo é a sua visão da literatura. De acordo com ele,

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

La literatura desborda la realidad acabada, inventa otros sentidos y otros valores. La literatura impulsa la vida hacia lo informe, hacia lo inacabado, hacia el desborde, hacia la desmesura, hacia lo móvil. La literatura es asunto de devenir, dejar de ser lo que se era, inventar a la vida de nuevo. El devenir siempre está entre. La vida nunca logra acabarse porque es creación, no mera consumación. La escritura así concebida es lo que permite a Deleuze referirse a la literatura como una iniciativa de salud, y al escritor como médico de sí mismo y del mundo (BERALDI, 2013, p.170-1).

Esta sentença deleuziana está em ressonância com a perspectiva de Nietzsche, que *“considerava o filósofo como o médico da civilização [...] O artista, em geral, deve tratar o mundo como um sintoma, e construir sua obra não como um terapeuta, mas, em todo caso, como um clínico”* (DELEUZE, 2010, p.180-1). Por isso, Deleuze advoga que existem três atos medicinais muito diferentes, são eles: a sintomatologia, a etiologia e a terapêutica. E ele explica que a sintomatologia é o estudo dos signos, a etiologia é o ato de procurar as causas e, por fim, a terapêutica é a aplicação de um tratamento. Desta forma,

enquanto a etiologia e a terapêutica são partes integrantes da medicina, a sintomatologia recorre a uma espécie de ponto neutro, de ponto-limite, pré-medicinal ou sub-medicinal, pertencendo tanto à arte quanto à medicina: trata-se de erigir um ‘quadro’. A obra de arte é portadora de sintoma, tal como o corpo ou a alma, embora de uma maneira bem diferente. Neste sentido, tanto quanto o melhor médico, o artista e o escritor podem ser grandes sintomatologistas (DELEUZE, 2010, p. 172).

pois, a sintomatologia é um ponto neutro, onde artistas, filósofos, médicos e doentes podem se encontrar (DELEUZE, 2010, p. 174). Por isso, na sequência Deleuze afirma: *“O artista é sintomatologista. [porque] é possível tratar o mundo como sintoma, nele busca os signos de doença, os signos de vida, de cura ou de saúde. E uma reação violenta é, talvez, a grande saúde que chega. Nietzsche considera o filósofo como o médico da civilização”* (DELEUZE, 2010, p. 180-1). Assim, o escritor como sintomatologista faz um diagnóstico do mundo seguindo *pari passu* à doença genérica do homem e *“avalia as possibilidades de uma saúde”*, [ao mesmo tempo] *“trata-se do nascimento eventual de um homem novo”* (DELEUZE, 2011, p.72). Por isso, Deleuze enfatiza:

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Não se trata apenas de diagnóstico. Os signos remetem a modos de vida, a possibilidades de existência, são sintomas de uma vida transbordante ou esgotada. Mas um artista não pode se contentar com uma vida esgotada, nem com uma vida pessoal. Não se escreve com o seu eu, sua memória e suas doenças. No ato de escrever há a tentativa de fazer da vida algo mais que pessoal, de liberar vida daquilo que a aprisiona. O artista ou o filósofo têm frequentemente uma saúde bem frágil, um organismo fraco, um equilíbrio pouco garantido, Espinosa, Nietzsche, Lawrence. Mas não é a morte que os quebra, é antes o excesso de vida que eles viram, provaram, pensaram. Uma vida demasiada grande para eles, mas é através deles que ‘o signo está próximo’: o final de Zarathustra, o quinto livro da Ética (DELEUZE, 2013, p.183).

A ação clínica, ou seja, a sintomatologia da literatura se dá ou acontece a partir de duas coisas complementares: de um lado, o escritor médico de si e do mundo; e do outro, “*a saúde como literatura, como escrita, consiste em inventar*” (DELEUZE, 2011, p.14), em criar rotas de fuga, em “*resistir a tudo o que esmaga e aprisiona e de, como processo, abrir um sulco para si na literatura*” (DELEUZE, 2011, p.15). Por isso, a literatura é também um ato libertário e libertador. É ato de resistência. Numa conferência intitulada “*O que é o Ato de Criação*”, Deleuze estabelece um interessante entrelace entre ato de resistência e obra de arte, falando que a arte resiste, mesmo não sendo somente ela a resistir, e “*... daí [temos] o entrelace tão estreito entre o ato de resistência e a obra de arte. Nem todo ato de resistência é uma obra de arte, embora, de uma certa maneira, ela seja um. Nem toda obra de arte é um ato de resistência e, entanto, de uma certa maneira, ela o é*” (DELEUZE, 2016, p.342). Arte e resistência vivem um tipo de dança pela vida, pois são as únicas coisas que resistem à morte. Deleuze ainda sentencia: “*O ato de resistência resiste à morte sob a forma de uma obra de arte ou sob a forma de uma luta dos homens*” (DELEUZE, 2016, p.342).

As linhas de fuga, a afirmação da vida e a criação de novas vidas, são produzidas pelo e no delírio literário, mas Deleuze alerta que, o delírio “*tem dois polos, um polo paranoico fascista e um polo esquizo-revolucionário*” (DELEUZE, 2013, p.36). E, não se pode deixar de dizer, de acordo com Deleuze, que “*a literatura é delírio*” em sua dupla significação: o delírio é uma doença, quando ligado ao polo paranoico fascista; mas ele é a medida da saúde (DELEUZE, 2011, p.15) no processo de libertação dos oprimidos, quando ligado ao polo esquizo-revolucionário. Entretanto, se o delírio da literatura liberta, ele também corre “*o risco constante de que um delírio de dominação se misture ao delírio bastardo e arraste a literatura*

em direção a um fascismo larvado, a uma doença contra a qual ela luta, pronta para diagnosticá-la em si mesma e para lutar contra si mesma” (DELEUZE, 2011, p.15-6).

Este delírio bastardo de dominação parece fazer parte da condição humana, aquela sede de controle principalmente sobre a vida alheia que nos parece insaciável. Delírio tosco já que não temos domínio nem sobre nossos órgãos internos que, com seus movimentos peristálticos, agem independentemente de nossa vontade ou consciência. Não controlamos nem os órgãos de nosso corpo e, como fascistas, queremos dominar o mundo. Mas, existe o outro lado do delírio literário, a literatura é delírio não bastardo quando é a medida da saúde, quando invoca os oprimidos a resistir a tudo o que esmaga e aprisiona, quando abre sulco para si e para os outros na literatura. E podemos afirmar, seguindo Deleuze, que isso caracteriza o fim último da literatura, qual seja, *“por em evidência no delírio essa criação de uma saúde, ou essa invenção de um povo, isto é, uma possibilidade de vida”* (DELEUZE, 2011, p.16).

A arte literária ou cinematográfica em seu delírio criativo produz múltiplas vidas, apresenta linhas de desterritorialização (ou rotas de fuga) e por isso afirmam e transformam a existência daqueles que foram possuídos pelos saudáveis delírios, pois,

Arte nunca é um fim, é apenas um instrumento para traçar as linhas de vida, isto é, todos esses devires reais, que não se produzem simplesmente *na* arte, todas essas fugas ativas, que não consistem em fugir *na* arte, em se refugiar na arte, essas desterritorializações positivas, que não irão se reterritorializar na arte, mas que irão, sobretudo, arrastá-la consigo para as regiões do asignificante, do a-subjetivo e do sem-rostro (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.53).

Podemos visualizar esta dinâmica do pensamento deleuziano a partir do filme *“O Clube de leitura de Jane Austin”*. O filme gravita em torno das vidas de seis personagens: Bernadett, Jocelyn, Sylvia, Allegra, Prudie e Grigg. A ambientação acontece na cidade estadunidense de Sacramento, onde vivem os personagens. Mas quem são estes personagens? Bernadett (Kathy Bakge) é uma senhora na terceira idade, que já havia se casado seis vezes, mas, apesar das várias separações, ela é uma otimista. Está sozinha no início do filme, e afirma ter apreendido muito com todos os seus cônjuges, por isso, ainda alimenta o desejo de casar mais uma vez; Jocelyn (Maria Bello) é uma solteirona convicta, nunca abriu mão de sua independência. Parece ter medo dos impactos intrínsecos e extrínsecos da vida a dois. No início da história ela está profundamente deprimida devido a morte de Pridey, seu cão-familiar, pois era uma apaixonada

The logo features the word "AFLUENTE" in a large, bold, serif font. Below it, the subtitle "Revista Eletrônica de Letras e Linguística" is written in a smaller, elegant, cursive script. The background consists of horizontal wavy lines in shades of blue and green, suggesting a water or fluid theme.

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

pelos animais, em particular dos cães. Sylvia (Amy Brenneman) é uma quarentona casada com Daniel (Jimny Smits), mãe de três filhos e amiga de colégio de Jocelyn. Logo no início seu marido revela sua paixão por outra mulher e a intensão de se separar, com isso seu mundo sólido se desmanchou no ar. Ela, importante biblioteconomista, adoeceu de tristeza com o abandono. Allegra (Maggie Grace) é uma jovem lésbica assumida, filha de Daniel e Sylvia, que também no início da produção cinematográfica estava vivendo uma crise conjugal, e com a separação dos seus pais resolveu morar com sua mãe, para assim ajudá-la neste momento delicado. Ela é passional e voluntariosa. Prudie (Emily Blunt) é uma jovem professora de francês, frustrada por nunca ter ido à França. Recém casada com Dean (Marc Blucas) que devido aos problemas nos jogos da Liga de Basquete é obrigado a cancelar a sonhada viagem para Paris. Com isso, ela quase se envolve com um de seus alunos, por quem está apaixonada. Por fim, Grigg Harras (Hugh Dancy) é professor universitário e proprietário de uma empresa de software. Ele é apaixonado por livros de ficção científica, entrou para o Clube de Leitura a convite de Jocelyn. Aceitou mais interessado nela do que nos livros de Jane Austen, pois se apaixonou pela bela Jocelyn, porém ela o convidou apenas para apresentá-lo a Sylvia. Queria ser cupido da amiga.

O filme se desenvolve a partir principalmente das sessões de leitura do Clube de Leitura de Jane Austen idealizado por Bernadette. Ela articulou, mobilizou e motivou as pessoas para participarem desse momento de leitura e partilha de ideias. Sua paixão pela escritora britânica Jane Austen é contagiante (num entusiasmo eletrizante gritou: “*Todos de Jane Austen, o tempo todo*”). Para ela, a leitura dos livros de Austen tem o poder de cura para todos os males do mundo, pois eles, segundo ela, são “*o antídoto perfeito para a vida*”. Para muitos isso é um grande exagero, mas podemos concordar que toda boa literatura tem poder de apresentar rotas de fuga para a vida e, com isso, promover a saúde.

A metodologia de trabalho do Clube de Leitura foi de ler uma obra por mês da produção literária de Jane Austen, também foi definido, na primeira reunião preparatória, que cada um dos membros se responsabilizaria por dinamizar a leitura e o debate no dia do encontro. As obras selecionadas e lidas no filme foram as seguintes: *Emma*, *Parque Mansfield*, *Abadia de Northanger*, *Orgulho e Preconceito*, *Razão e Sensibilidade* e, por fim, *Persuasão*.

Ao longo das leituras e debates das obras de Jane Austen, os personagens do filme vão refazendo suas trajetórias de vida colocando-se no lugar dos personagens dos livros. E, com isso, os enredos dos livros vão produzindo efeito curativo, eles vão se curando de suas

“enfermidades”. Buscarei exemplificar essa ideia da literatura como saúde apenas com a trajetória de uma personagem, a limitação se impõe pelo formato deste ensaio. A professora de francês, Prudie além da frustração de não conhecer a França tem dois problemas relacionais: um de ordem conjugal, apaixonou-se por um aluno; e outro “familiar”, tem uma relação complicada com a sua mãe. No andamento do filme, as leituras fazem com que ela viva experiências do pensamento inigualáveis, e a partir delas vai percebendo rotas de fuga dos problemas vividos e sofridos. A experiência literária produz mudanças de comportamento, pois o pensar produz novas possibilidades de sentir e agir. Isso é visível na seguinte cena: Ela marca um encontro com o aluno, no momento que vão concretizar a sua traição conjugal ela recua. Naquela cena a professora sofre de um delírio que modifica totalmente sua ação. Acontece o devir. Ela olha para o semáforo de pedestre e no momento lê a seguinte frase: “*O que Jane faria?*”. *Não atravesse*. Ela foi desterritorializada. E isso, a desterritorialização, faz Prudie naquele instante desistir da traição conjugal. Ela volta para casa e reinicia sua relação com o marido, se reterritorializando. A literatura redimensionou a vida do casal, produziu saúde no relacionamento. E, assim podemos dizer que a tomada de posição da personagem é um tipo de afirmação da vida pela arte. Ela num ato de coragem e resistência consegue uma linha de fuga, não para consolidar a traição conjugal, mas para redesenhar a vida com o seu marido. Outros personagens também vivem essa potência da literatura como aquilo que força o pensamento e, ao mesmo tempo, pode produzir saúde na e da vida.

Para finalizar este breve ensaio, quero apenas lembrar que essa perspectiva deleuziana se afirma não como uma filosofia da arte, mas apenas como um exercício do pensar com a literatura, com o cinema ou com qualquer outra forma de produção artística que força o pensamento enquanto é ela mesmo modo do pensar, pois, como tentei explicitar, a aproximação de Deleuze da arte literária não o transforma em crítico literário, ele produz filosofia pensando com a arte. E produz uma filosofia na qual a articulação entre planos distintos do pensar se estabelecem por meio de uma lógica rizomática. E por que rizomática? Porque o rizoma, em suas múltiplas características, tem como característica mais importante, nos escreve Deleuze e Guattari, “*ter sempre múltiplas entradas*” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.30) não hierarquizadas, eles nos dizem: “*Entrar-se-á, então, por qualquer parte, nenhuma entrada vale mais que a outra, nenhuma entrada tem privilégio*” (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p.9). Além do mais,



um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o ver “ser”, mas o rizoma tem como tecido a composição “e... e... e...”. Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser (DELEUZE; GUATTARI, 2011. p.48).

Assim, a filosofia deleuziana é uma filosofia da aliança com a arte, por meio dessa relação de proximidade, de composição, de aliança do pensar com a arte literária que se dá a construção da filosofia de Deleuze. Ele, na esteira do pensamento nietzschiano, assegura que a arte produz vida. A arte cria rotas ou linhas de vida. Quando a vida se encontra num território fechado, a arte nos provoca uma desterritorialização. A arte é ato de resistência contra toda forma de fascismo, toda forma de dominação. Ela é devir e, como devir, a arte produz vida nova, apresentando possibilidades impensáveis. Deleuze, citando Proust, escreveu: A obra de arte “*é promessa de felicidade porque nos ensina não só que em todo amor o geral jaz ao lado do particular como também a passar deste àquele, numa ginástica que [...] nos fortalece contra a dor*” (DELEUZE, 2010, p.69). A arte ensina e fortalece a vida, e, por isso, podemos revitalizar a vida a partir da arte. A arte é saúde para a vida. É nesta perspectiva que podemos nos refugiar na literatura, pois ela nos promete felicidade, nos fortalece das dores da alma e preenche as lacunas deixadas pela vida. As experiências do pensamento produzidas pela literatura nos fazem pensar e sentir o mundo de outra maneira, elas nos apresentam possibilidade inimagináveis. A literatura e os filmes nos ajudam a viver e nos dão lições sobre a vida, afinal, “*a literatura é uma saúde*” (DELEUZE, 2011, p.9).

Referências Bibliográficas

- BERALDI, Gastón. **Literatura y filosofía**: La literatura como problema em Deleuze o La escritura como fármakon. EIKASIA: revistadefilosofia.org/mayo.2013.p.165-175
- DELEUZE, Gilles. **Proust e o signo**. 2. ed. Tradução Antônio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta e outros textos**: Textos e entrevistas (1953-1974). São Paulo: Iluminuras, 2010A.
- DELEUZE, Gilles. **Sobre o Teatro**: Um manifesto de menos; O esgotado. Tradução Fátima Saadi, Ovídio de Abreu e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 2010B.

DELEUZE, Gilles. **Sacher-Masoch: o frio e o cruel**. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Conversações (1972-1990)**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3.ed. São Paulo: Ed. 34, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. 2.ed. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. 5.ed. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. 2.ed. Tradução de António M. Magalhães. Porto: Rés-Editora, 2001.

DELEUZE, Gilles. **Dois regimes de loucos: Textos e entrevistas (1975-1995)**. Tradução de Guilherme Ivo. São Paulo: Ed. 34, 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia 1**. 2.ed. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2**. 2.ed. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto, Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 2011. (vol.1).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2**. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1996. (vol.3).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2**. 2.ed. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 2012. (vol.4).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** 3.ed. Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: por uma literatura menor**. Tradução de Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

DOSSE, François. **Gilles Deleuze & Félix Guattari: Biografia cruzada**. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2010.

GUALANDI, Alberto. **Deleuze**. Tradução de Danielle Ortiz Blanchard. São Paulo: Estação Liberdade, 2003. (Figuras do Saber).

MACHADO, Roberto. **Deleuze e a filosofia**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Record, 2011.



ULPIANO, Claudio. **Gilles Deleuze**: A grande aventura do pensamento. Rio de Janeiro: Funemac Livros, 2013.

PACHECO, Fernando Tôrres. **Personagens conceituais**: Filosofia e arte em Deleuze. Belo Horizonte: Relicário, 2013.

VASCONCELLOS, Jorge. **Deleuze e o cinema**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2006.

Recebido em: 20 de outubro de 2017.

Aprovado em: 24 de novembro de 2017.